A comunicação organizacional sob o olhar teórico – contribuições de Niklas Luhmann[1]

Ana Thereza Nogueira Soares[2]

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas

Resumo

Este trabalho tem como principal objetivo promover uma discussão acerca do tema da comunicação organizacional, entendendo-o como um processo inerente à configuração das organizações sociais, bem como necessário ao seu funcionamento. Dado o estado incipiente em que se encontram as reflexões teóricas sobre o assunto, defende-se que a constituição de um campo teórico pode alavancar um melhor entendimento sobre a realidade das organizações contemporâneas. Para isso, propõe-se um estudo e interpretação da Nova Teoria dos Sistemas, tal como delineada por Niklas Luhmann, no intuito de investigar a contribuição que este paradigma do campo da Sociologia tem a oferecer para a compreensão das interações comunicacionais entre grupos, organizações e sociedade.

Palavras-chave

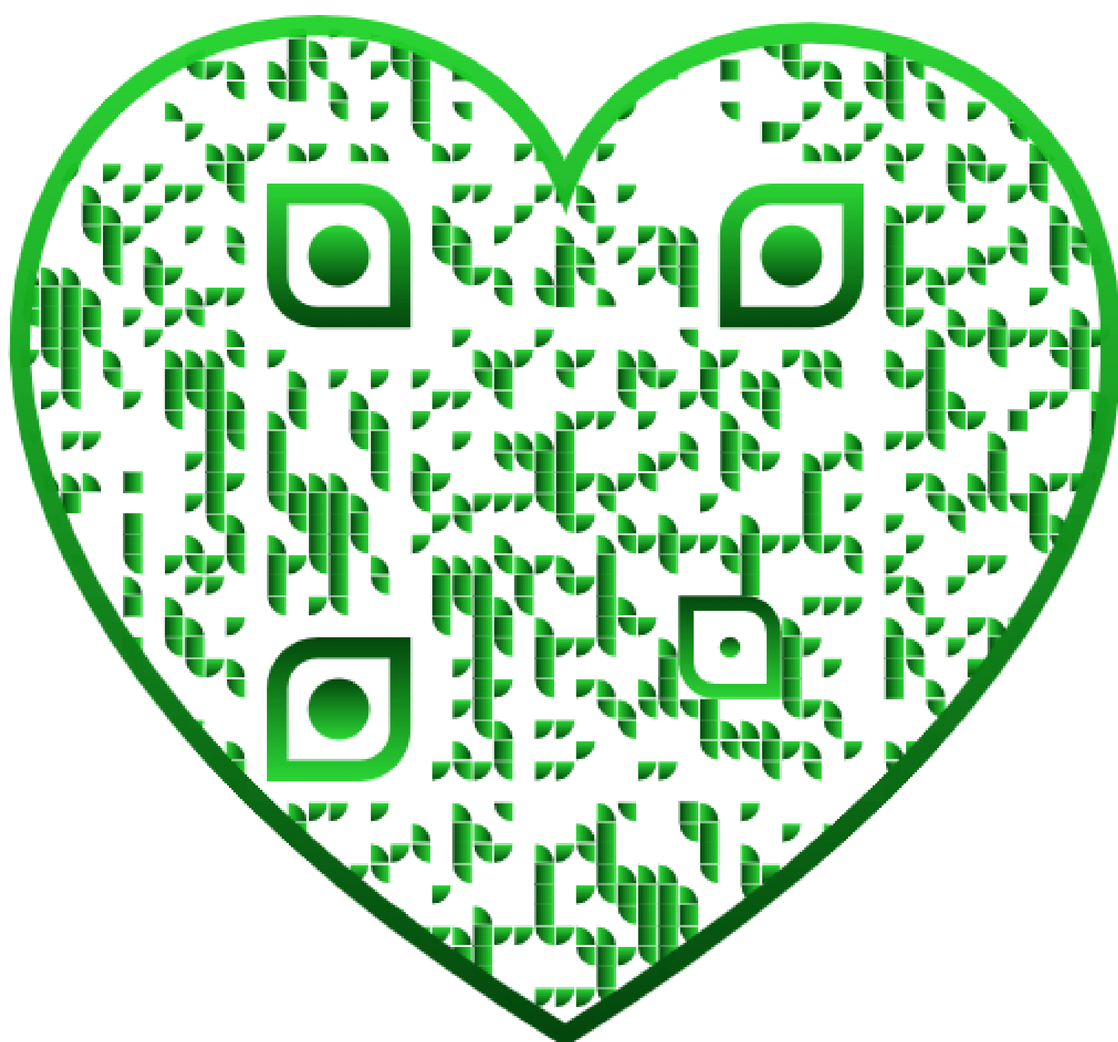
Comunicação Organizacional – Relações Públicas – Nova Teoria dos Sistemas – Campo Científico

Introdução

Esse artigo apresenta algumas considerações preliminares do trabalho de investigação "As organizações como sistemas sociais – uma contribuição para o entendimento dos processos comunicativos organizacionais", o qual faz parte do escopo de trabalhos financiados pelo FIP – Fundo de Incentivo a Pesquisa da PUC-Minas. Temos aqui o propósito de lançar bases para a análise da comunicação organizacional sob uma perspectiva teórica, contribuindo para a tarefa de mapear e constituir um corpo de conhecimento que é ainda incipiente do ponto de vista de sua cientificidade e tomado, dessa forma, por reflexões assistemáticas e pouco significativas para a

[1] Trabalho apresentado ao NP 05 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa Intercom.

[2] Mestre em Sociologia (UFMG), Especialista em Informação Internacional (Universidad Complutense de Madrid), Bacharel em Comunicação Social - Relações Públicas (PUC-Minas), Professora da PUC-Minas. E-mail: anatsoares@gmail.com



compreensão tanto dos fenômenos de interação comunicacional originados em organizações sociais, como daqueles que as afetam.

Procura-se desenvolver argumentos que justifiquem o esforço de pesquisa em direção à interface do nascente campo da comunicação com o campo da sociologia, em especial com o paradigma teórico da Nova Teoria dos Sistemas, como meio de fortalecer uma reflexão cientificamente fundamentada sobre os processos de comunicação organizacional.

Afinal, entendemos que a produção de um olhar próprio da comunicação para os processos comunicacionais existentes entre as organizações e a sociedade e no interior das organizações só é possível a partir do momento em que se consiga dialogar com os paradigmas científicos que já se preocupam, direta ou indiretamente, em oferecer um quadro teórico explicativo para tais processos.

Sobre por que e como constituir o novo campo

O debate sobre a realização do empreendimento de constituição e consolidação do campo científico da comunicação é relativamente novo, se comparado ao de outros campos do conhecimento. Ultimamente, no entanto, discussões vêm sendo realizadas com maior intensidade no Brasil, numa tentativa de definir direcionamentos epistemológicos, metodológicos e conceituais mais apropriados para o entendimento dos fenômenos comunicacionais[3]. Uma observação recorrente é aquela de que a produção teórico-conceitual no campo recai sempre numa espécie de "deslocamento do objeto" sob análise, dando ênfase à estrutura, ao aspecto instrumental e fragmentado da comunicação, em lugar de considerar sua centralidade nos processos de produção e reprodução de símbolos e sentidos na sociedade contemporânea. Uma avaliação crítica do estágio de constituição do campo da comunicação demonstra, assim, que a maior parte das pesquisas tem um viés essencialmente empírico, focado sobretudo nas características e utilizações dos suportes midiáticos, o que marginaliza o caráter processual das interações comunicacionais que perpassam todas as instâncias da sociedade.

No sub-campo da comunicação organizacional, essa análise crítica se faz ainda mais urgente, uma vez que a maior parte da produção acadêmica na área trata do

[3] Ver, para aprofundamento do tema, as coletâneas Epistemologia da Comunicação, organizada por Lopes (2003) e Tensões e objeto da pesquisa em comunicação, organizada por Weber, Bentz e Hohlfeldt (2002).

fenômeno comunicacional de forma simplista e ingênua, na medida em que conceitua os instrumentos comunicativos e demonstra suas aplicações como razão suficiente para a "eficácia" dos processos de "gestão da comunicação organizacional". Esquecem-se, porém, que "a veiculação por si não indica um fenômeno comunicacional" (Duarte, 2003, p. 52). Esse fato, negligenciado por muitos autores, profissionais e pesquisadores da área, acaba por reforçar uma explicação tecnicista do processo de Relações Públicas. Como salienta Ferrara, referindo-se ao objeto da comunicação:

> dos meios e canais comunicativos como temas de investigação chega-se, no máximo, à descrição, mais ou menos redundante, conforme a sagacidade retórica da explicação. Estamos longe de uma epistemologia da comunicação produtora de conhecimento, porque resistimos a interrogar práticas e atores que permitem a comunicação enquanto área de conhecimento complexo (...). (2003, p. 62).

Nos últimos anos, a "tomada" do objeto da comunicação organizacional pelos administradores de empresas tem agravado ainda mais essa questão, já que se trata de uma área de predominância das chamadas teorias prescritivo-normativas, as quais propõem soluções indiferenciadas para contextos organizacionais conformados pelos mais diversos padrões sócio-culturais. Identificamos que essa tendência de olhar o objeto da comunicação via "ciências admistrativas" desvirtua sua compreensão, pois acaba atribuindo ao fenômeno uma função exclusivamente econômica, quando este, na verdade, possui um significado muito mais amplo, o qual se articula, como veremos, à própria complexidade da sociedade contemporânea. Ao propagar a explicações sobre as relações públicas que demonstram o que fazem (e o que podem fazer pela organização), ao invés de estudar o que são e como se constituem, estamos incorrendo em erro, já que deixamos de considerar os aspectos sociológicos intrínsecos a seus processos[4], tratando-as como mero epifenômeno da vida organizacional.

Dessa forma, queremos defender um objeto de análise distinto daquele fragmentado e empobrecido, compreendendo a comunicação organizacional dentro da complexidade social da qual é elemento fundador, como um processo dinâmico e indissociável da própria existência das organizações. A fim de desenvolver esse novo referencial, propomos o seguinte ângulo de análise, o seguinte olhar: a comunicação

[4] Esse comentário se inspira, em grande medida, na diferenciação proposta por Grunig (2003) entre as Relações Públicas e o Marketing. Segundo o autor, o Marketing é uma função que se ocupa de dar sentido às relações econômicas da organização, enquanto que as Relações Públicas atuam no meio social das organizações, o que confere à atividade uma dimensão maior, e sobretudo mais fundamental à existência da organização. Nesse sentido, parece-nos que tal proposição contraria a própria base do materialismo histórico, na medida em que deixa transparecer que a super-estrutura é a base da infra-estrutura, e não o inverso.

organizacional engloba tanto aqueles processos interacionais espontâneos (e ao mesmo que ajudam a conformar e manter as organizações sociais, como um conjunto de padrões, procedimentos e possibilidades de conduta que são realizados de forma deliberada e consciente no intuito de conduzir opiniões e atitudes e de alterar um dado estado de interação entre organizações e sociedade[5]. Nesse segundo sentido, nos aproximaríamos mais das relações públicas, já que interferem ativamente nos referidos processos interacionais espontâneos que permeiam as organizações para atingir objetivos pré-estabelecidos. Mas como saber se é esse, efetivamente, um olhar válido? Como proceder ao teste de hipóteses que trazem a comunicação para o cerne das discussões relativas a organizações sociais?

A autonomização de um campo científico é um caminho árduo, que se realiza no longo prazo e, de acordo com a conceituação de Bourdieu (1996) em contínua medida de forças com outros campos. Há que se considerar, também, que um novo campo científico apenas se estabelece quando seu objeto se torna suficientemente importante para uma dada sociedade, que então se articula em torno de estudá-lo a partir de critérios e métodos apropriados. Tal articulação vem sendo realizada ainda timidamente pela comunidade acadêmica brasileira, mas trata-se de uma iniciativa urgente, segundo nossa perspectiva.

Como afirmamos acima, dependemos, antes de qualquer coisa, de rever explicações já oferecidas por outros campos do conhecimento que, com uma trajetória consolidada, olharam para nosso objeto com o rigor científico (ainda que sob outros ângulos). A revisão dessas teorias, a partir do ângulo próprio da comunicação, nos permitirá, numa segunda etapa, construir nosso próprio aparato teórico-conceitual, na medida em que sejamos capazes de promover um diálogo com – e entre – os primeiros resultados e descobertas empreendidas. Antes de qualquer coisa, trata-se, nesse momento, de expor os resultados de nossas pesquisas ao teste da verificação, de apresentá-los aos pares, para, de acordo com Popper, tentar falseá-los. É nessa tarefa que nos embrenhamos, quando nos empenhamos em verificar a aplicabilidade da Nova Teoria dos Sistemas para a compreensão dos fenômenos comunicacionais que permeiam as organizações. É certo que podemos chegar à conclusão, ao final da pesquisa, de que a hipótese em questão não tem validade, de que a abordagem sistêmica proposta por

[5] Entendemos aqui a sociedade como a unidade de análise mais complexa, que contém em seu "interior" todos os grupos de interesse de uma organização, ou seus públicos, como são designados geralmente, ou seus agentes com influência, conforme os denomina Simões (2001), talvez mais apropriadamente.

Niklas Luhmann não é suficiente ou adequada para explicar o objeto em questão. Caso isso se confirme, no entanto, segundo a visão popperiana do progresso científico, o nascente campo da comunicação organizacional só tem a ganhar.

Sobre Nova Teoria dos Sistemas e a comunicação organizacional

A abordagem sistêmica contribui, desde a fundação das ciências sociais, para tentar explicar os fenômenos e problemas humanos. Numa perspectiva instrumental, essa corrente teórica demonstra, de maneira geral, que o atingimento da ordem pelas unidades sociais (sistemas) torna-se condição essencial para sua evolução. Herança do campo das ciências naturais, "mais do que todas as outras, a teoria sistêmica tem sido aplicada como a mais abrangente das metateorias". (Ianni, 2003, p. 338). "O que predomina é a lógica que articula o 'organismo', compreendendo organismos vivos, vegetais, animais e humanos, assim como o próprio planeta, (...) tudo isso em equilíbrio ou em busca de equilíbrio". (Ianni, 2003, p. 339-340).

Simões (1995, 2001), ao propor uma interface teórica com a Ciência Política no intuito de contribuir com a formação do campo teórico das Relações Públicas, utiliza a terminologia dos sistemas sociais, ao dizer que o exercício da função de relações públicas deve partir de um conhecimento prévio da "sucessão de estados de mudanças no exercício de poder no *sistema* organização-públicos" (2001, p. 31) (grifo meu), justamente com o intuito de balizar ações que ajudem a equilibrar esse sistema. Contudo, se pretende aqui ampliar essa perspectiva, na medida em que se buscará analisar a teoria dos sistemas como paradigma válido para a compreensão de todo e qualquer fenômeno comunicacional presente nas organizações e entre estas e a sociedade, e não apenas aqueles promovidos conscientemente pelas organizações a partir da iminência de conflitos ou da necessidade de contê-los. Além disso, é necessário salientar que na nova teoria dos sistemas, o conflito é visto como inerente a todo e qualquer sistema social e nem por isso a sociedade se torna caótica[6]. Paradoxalmente, esse paradigma sustenta que são a imprevisibilidade e incerteza, marcas de nossa sociedade, que possibilitam a estabilidade dos sistemas (entre eles, as

[6] Essa observação é de fundamental importância, inclusive, para diferenciar a nova teoria dos sistemas da teoria funcionalista parsoniana, na qual Niklas Luhmann se inspira, avançando, contudo numa nova perspectiva. Na teoria funcionalista empreendida por Talcott Parsons, o conflito é um fator de menor destaque, quase que ignorado, o que já não ocorre na abordagem que aqui tomamos como referência.

organizações). Enxerga, portanto, a desordem, e não a ordem, como fundamento da sociedade contemporânea.[7]

Conforme sugerido acima, a nova teoria dos sistemas possui o "apelo" metateórico. Parte da comunidade científica mundial outorga-lhe, inclusive, o reconhecimento de paradigma capaz de explicar todas as dimensões e toda a complexidade da sociedade. A despeito disso, "a divulgação do trabalho de Niklas Luhmann fora da Alemanha está, ainda, muito aquém da real importância do autor no quadro do pensamento europeu contemporâneo". (Pisarra Esteves, 1993, p.1). Isso se dá, entre outros fatores, pela própria atualidade de sua vasta obra, mas também por sua densidade, aridez e grau de abstração (a própria terminologia que utiliza demonstra isso). Não que os termos e conceitos aplicados sejam totalmente desconhecidos da academia, mas sim pelo fato de que trazem uma contribuição totalmente original para o estudo da sociedade. Além disso, a teoria toma "emprestados" da biologia conceitos como o de *autopoiese*, para designar a capacidade de diferenciação autônoma dos sistemas sociais em relação a seus ambientes.

Outra característica marcante da nova teoria dos sistemas, e que pode gerar uma resistência à sua aceitação plena no campo das ciências sociais, é a questão de que o ser humano, aí, é representado como um ser fungível. Isto é, a teoria contraria toda uma corrente de pensamento que põe o homem no centro dos fenômenos sociais. A sociedade, na perspectiva interacionista e culturalista, só é possível porque os homens compartilham determinados entendimentos e expectativas, nos quais se baseiam para tomar suas decisões e realizar suas ações (Becker, 1986). A nova teoria dos sistemas, no entanto, substitui o papel central do homem pela centralidade da comunicação, e por isso mesmo tal abordagem parece ser pertinente para o desafio de delimitar uma teoria da comunicação organizacional. Sobre esse corte epistemológico, diz Stockinger que

> ao absorver e desenvolver esta mudança paradigmática, o pensador alemão [Luhmann] criticará a visão sociológica tradicional, que vê a sociedade composta por pessoas (...) confinadas em territórios e observável de fora. Ele afirma que se trata de pressupostos simplistas que se pautam numa concepção naturalista e humanista ultrapassada. Ele chama esses pressupostos de 'obstáculos epistemológicos', que impedem à imaginação sociológica de ver o 'social' como realidade própria, e não como algo composto por compreensões individuais. (2001, p. 37).

---

7 Não se pretende aqui estender a discussão, ou o debate com a proposta teórica da micropolítica, importante contribuição de Simões (1995,2001) para o campo. Contudo, num trabalho futuro, o confronto entre a nova teoria dos sistemas e a micropolítica será oportuno, na medida em que possa contribuir para o fortalecimento das reflexões teóricas relativas à comunicação organizacional.

A teoria dos sistemas, nessa perspectiva, identifica cada uma das partes que compõem a sociedade como um sistema autônomo e que evolui a partir da interpenetração com outros sistemas.[8] Nesse sentido, temos a possibilidade de visualizar como sistema desde o próprio homem, como unidade mínima de análise, até o sistema social mundial, como aquele que contém dentro de si todos os outros sistemas conhecidos por nós, os estados-nações, as organizações inter-governamentais, as organizações empresariais, as organizações da sociedade civil, etc.

Segundo Luhmann, o que permite que todos esses sistemas sobrevivam e aumentem seu nível de complexidade, promovendo uma ordem social mínima a partir da desordem inerente ao sistema, é a comunicação. É a comunicação, pois, que faz com que a novidade, com que todas essas mudanças que vivenciamos na sociedade moderna sejam efetivamente absorvidas pelos sistemas e processadas por estes com uma relativa estabilidade, estabilidade que, na nova teoria dos sistemas, é sempre dinâmica. Sintetizando a idéia,

> a sociedade é o sistema abrangente de todas as comunicações, que se reproduz autopoieticamente, na medida em que produz, na rede de conexão recursiva de comunicações, sempre novas (e sempre outras) comunicações. A emergência de um tal sistema inclui comunicações, pois elas só são passíveis de conexão internamente, excluindo todo o resto. Comunicações podem reconhecer comunicações e diferenciá-las de outras coisas que pertencem ao ambiente, no sentido de que se pode comunicar sobre elas, mas não com elas. (Luhmann, 1997a, p. 83).

Como se vê, o sistema social parece ter vida própria, a qual é concedida pela comunicação. A comunicação "irrita" os sistemas e, na medida em que se generaliza no interior destes, promove sua movimentação no interior do sistema mundial. Nesse sentido, a linguagem ganha também uma dimensão importante na análise, visto que não é apenas um meio, um canal para a comunicação, mas um "mediador ativo entre a socialização e a individuação" (Stockinger, 2001, p. 46). Para Luhmann, os sistemas constróem, continuamente, no uso da linguagem, o sentido. "Decisivo é que a linguagem consiga acoplar os sistemas, *apesar de* e exatamente nos seus *diferentes* modos de operar" (Luhmann, 1997 a, p. 85). É a partir de e nos acoplamentos (encontros) entre sistemas que ocorrem, portanto, as diferenciações funcionais, as desfuncionalizações e, em uma visão macro, a própria evolução da sociedade.

---

[8] O empreendimento sociológico, nesse sentido, é facilitado e metodologicamente mais criterioso, na medida em que exige a separação física e mental do indivíduo que observa (sistema psíquico) e de seu objeto – a sociedade (que é um outro sistema, diferenciado, mas não desvinculado, dos outros sistemas).

Importante ressaltar que por linguagem se entende qualquer convenção social promotora de entendimento e de articulação de pessoas em torno de interesses individuais e coletivos, e não exclusivamente a língua em que se dialoga. Para explicar a possibilidade da sociedade, Luhmann utiliza uma definição complementar à de linguagem que nos parece muito útil: a de "meios de comunicação simbolicamente generalizados". Dentro dessa concepção, as próprias ações dos sistemas psíquicos (seres humanos) carregam consigo símbolos que permitem sua compreensão dentro de determinados contextos sistêmicos. Daí depreende-se que o sentido da ação independe da intenção, da vontade ou do sistema psíquico que a realiza, ficando a cargo de outros sistemas psíquicos ou sistemas sociais incorporá-las e processá-las como ações inteligíveis dentro de seus códigos instituídos e autopoieticamente reproduzidos.

> Cada sistema social tem seu próprio meio de comunicação simbolicamente generalizado, com o qual orienta as possibilidades de comunicação e com o qual faz possível essa particular combinação de variedade e multiplicidade que deve se constituir na comunicação. (...) Cada um deles [meios simbolicamente generalizados] ordena o a acumulação de comunicações diferentes que se dão no sistema social que os possui e serve, ao mesmo tempo, de particular código de comunicação para o mesmo. (Izusquiza, 1990, p. 223).

Analisando a função de relações públicas à luz desse raciocínio, podemos sugerir que esta configura-se como o subsistema do sistema organizacional responsável pela construção dos referidos meios de comunicação simbolicamente generalizados, ao conceber e emitir comunicações que pretendem generalizar-se por todo o sistema, integrando-o e diferenciando-o de seu ambiente e de outros sistemas.

Uma outra derivação dessa construção teórica é a de que todas as movimentações realizadas pelos sistemas sociais, todas as suas decisões e ações, acontecem a partir da relação que estabelecem com seu entorno, quando encontram uma interpretação no entorno adequada para ambos – sistema social (organização) e ambiente (Luhmann, 1997 b, p. 55). Afinal, é isso o que se faz necessário compreender no âmbito da complexidade dos processos de comunicação organizacional: como operam essas interpretações, e em que nível elas influenciam as mudanças nas organizações sociais.

É necessário dizer, contudo, que a relação sistema-ambiente não é vista na perspectiva da Nova Teoria dos Sistemas da mesma forma que as teorias sistêmicas clássicas. Enquanto nas últimas, por exemplo, os sistemas são vistos como abertos e

totalmente vulneráveis à interação com o ambiente[9], na Nova Teoria dos Sistemas os sistemas se fecham, operacionalmente, para conseguir manter uma estabilidade interna mínima frente às incertezas do ambiente. Além disso, na teoria luhmanniana não existe a visão linear de uma suposta relação de dependência do sistema em relação ao ambiente, ou do ambiente em relação ao sistema, visto que ambos co-evoluem continuamente (no mínimo se pode falar, nesse sentido, em interdependência). Excluem-se da análise, assim, termos como adaptação e seleção, simplesmente porque não há fronteiras rígidas entre o sistema e o ambiente, porque todos os sistemas encontram-se imersos em seus ambientes e conectados entre si por sistemas de comunicação. Como sintetiza Morgan,

> o padrão do sistema deve ser entendido como um todo, além de possuir uma lógica própria. Não pode ser entendido como uma rede de partes separadas. Esta é, em última análise, a razão pela qual não faz sentido dizer que um sistema interage com seu ambiente externo. As transações de um sistema com seu ambiente são, na verdade, transações dentro de si mesmo (1996, p. 244).

Assim, uma organização (sistema) que ignora a presença ostensiva de seu ambiente sobre sua composição autopoiética corre o risco de desorganizar-se e, em última instância, deixar de existir, na medida em que é gradativamente “engolida” por outros sistemas dotados de aparatos mais amplos de observação dos ambientes. Enfatiza-se a idéia, portanto, de um fechamento que é apenas operacional, mas que de forma alguma deixa de considerar ou incorporar (caso necessário) comunicações provenientes de seu ambiente ou de outros sistemas.

Mais uma vez temos então a possibilidade de realizar uma analogia entre essa proposta e o subsistema relações públicas, que teria, nesse âmbito, a tarefa fundamental de criar e fazer funcionar os aparatos de observação do sistema, operando com mecanismos de seleção das comunicações que parecem ser relevantes para a manutenção do sistema. Um exemplo empírico dessa proposição teórica, que parece ter grandes implicações para os processos de relações públicas e comunicação organizacional, é aquele das organizações que não conseguem acompanhar as inovações de seu ambiente e por isso se tornam defasadas. Morgan (1996, p. 250) comenta a esse respeito sobre as empresas de máquinas de escrever, que “continuaram com a fabricação de produtos tradicionais, usando tecnologias tradicionais, falhando em compreender que

[9] Para uma revisão das teorias sistêmicas clássicas, ver Morgan (1996), especialmente o capítulo 3.

estas identidades não eram mais realistas nem relevantes" em relação ao seu ambiente, ou aos demais sistemas sociais co-existentes.

Essa discussão se torna cada vez mais relevante se observarmos alguns temas pungentes da realidade contemporânea, como o meio ambiente, a saúde, a qualidade de vida e os direitos humanos. Algumas organizações vêm alterando significativamente seus padrões de auto-regulação em função novos padrões e tendências, e só podem fazê-lo a partir da produção efetiva de comunicações, o que, de acordo com a Nova Teoria dos Sistemas, implica na reprodução, por uma organização, de códigos e conteúdos adequados às expectativas dos sistemas partícipes de determinado ambiente, bem como na compreensão e correta assimilação de códigos e conteúdos relevantes pela organização, provenientes desses mesmos sistemas e ambiente (Izuzquiza, 1990, pp 203-227).[10] É a efetiva realização desses processos comunicacionais, pois, que funda o equilíbrio necessário à existência do sistema social, o que mais uma vez reforça a vitalidade e importância dos subsistemas de relações públicas para a constituição e reprodução do sistema social global.

Considerações Finais

Ao apontarmos alguns dos principais elementos conceituais da Nova Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann e enfatizar a possibilidade de que os mesmos auxiliem na análise e compreensão dos processos de relações públicas e comunicação organizacional, buscamos lançar uma nova base para a construção do campo científico da comunicação organizacional. Faz-se necessário pontuar, entretanto, que este artigo contém observações preliminares de uma pesquisa que está em desenvolvimento e, portanto, não nos apresenta, por hora, quaisquer conclusões definitivas. Dada a própria riqueza e fertilidade da Nova Teoria dos Sistemas, não temos, inclusive, nenhuma pretensão de encerrar a discussão sobre suas possíveis implicações para a compreensão dos fundamentos das organizações e sociedade contemporâneas. Porém, até agora, parece possuir tal paradigma grande potencial interpretativo e explicativo para os fenômenos de interação social possibilitados pela comunicação, os quais nos tanto nos interessam enquanto pesquisadores.

---

[10] Pensemos, a esse respeito, nas readequações de política e ação de organizações cujo negócio ou fim mantêm ligação estreita com a natureza. Elas precisam rever seus processos e códigos de comunicação internos em função de irritações que recebem de outros sistemas sociais, como as ONG's ambientalistas, e a própria sociedade (na medida em que se torna mais consciente de sua interdependência com outros sistemas vivos) para continuar existindo.

Referências bibliográficas

BECKER, Howard S. Culture: a sociological view .**Doing Things Together:** selected papers, Northwestern University Press, pp. 11-24, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

DUARTE, Eduardo. Por uma epistemologia da Comunicação. In LOPES, Maria Immacolata Vassalo (org.) **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. pp 41-54.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Epistemologia da Comunicação: além do sujeito e aquém do objeto. In LOPES, Maria Immacolata Vassalo (org.) **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. pp. 55-67.

GRUNIG, James E. A função das relações públicas na administração e sua contribuição para a efetividade organizacional e societal. In **Comunicação e Sociedade**. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. Ano 24. nº 39. 1º semestre, 2003.

IANNI, Octavio. A sociedade mundial e o retorno da grande teoria. In LOPES, Maria Immacolata Vassalo (org.) **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. pp. 331-345.

IZUZQUIZA, Ignacio. **La sociedad sin hombres**. Niklas Luhmann o la teoría como escándalo. Barcelona: Anthropos, 1990, pp 203-227.

LUHMANN, Niklas. O conceito de sociedade. **Niklas Luhmann: a nova teoria dos sistemas**. Org. Por Clarissa Eckert Baeta e Eva Machado Barbosa Samios. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, Goethe-Institut/ICBA, 1997 a.

LUHMANN, Niklas. **Organización y decisión. Autopoiesis, acción y entendimiento comunicativo**. Anthropos. México: Universidad Iberoamericana; Santiago de Chile: Instituto de Sociología. Pontificia Universidad Católica de Chile, 1997 b.

MORGAN, Gareth. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 1996, cap. 3 e cap. 8.

PISSARRA ESTEVES, João. **Niklas Luhmann - uma apresentação**. Disponível em <http://ubista.ubi.pt/~comum/esteves-pissarra-luhmann.html>. Acesso em 10 set. 2004.

SIMÕES, Roberto P. **Relações Públicas**: função política. São Paulo: Summus, 1995.

SIMÕES, Roberto P. **Relações Públicas e Micropolítica.** São Paulo: Summus, 2001.

STOCKINGER, Gottfried. **Para uma teoria sociológica da comunicação.** Disponível em <http://www.ufba.br> Acesso em 11 mar. 02. Editoração eletrônica Facom – UFBA, Salvador, 2001.

WEBER, Maria Helena, BENTZ, Ione, HOHLFELDT, Antonio (orgs.). Tensões e objeto da pesquisa em comunicação. Porto Alegre, COMPÓS/Sulina, 2002.